

Resúmenes de la

11^{va}



REUNIÓN DE TRABAJO
DE ESPECIALISTAS EN
MAMÍFEROS ACUÁTICOS
DE AMÉRICA DEL SUR

5to

CONGRESO DE LA
SOCIEDAD LATINOAMERICANA
DE ESPECIALISTAS EN
MAMÍFEROS ACUÁTICOS



ORGANIZADORES



Del 11 al 17 de Septiembre de 2004, Quito - Ecuador.

CARACTERIZAÇÃO DE TOCAS E SEU USO POR ARIRANHAS (*Pteronura brasiliensis*) NO LAGO DA UHE BALBINA, AMAZONAS, BRASIL

Gália Ely de Mattos¹, F. C. W. Rosas¹, S. M. Lazzarini² & M. C. de Lima Picanço²

¹ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Laboratório de Mamíferos Aquáticos. Caixa Postal 478
Manaus – AM, 69011-970 Brasil. galia@inpa.gov.br e frosas@inpa.gov.br

² Centro de Preservação e Pesquisa de Mamíferos Aquáticos. Manaus Energia. Município de
Presidente Figueiredo, Balbina, AM- Brasil. cppma@netium.com.br

A ariranha (*Pteronura brasiliensis*) é um animal que vive em grupos e utiliza tocas cavadas nos barrancos de rios, lagos e igarapés. Esses grupos variam de 2 a 12 animais que habitam a mesma toca. Os animais utilizam diariamente latrinas comunitárias, as quais exalam um odor forte e característico e que são usadas também para marcação de seus territórios. Desde 2001 a ariranha tem sido estudada na área de influência da Usina de Hidrelétrica (UHE) de Balbina, cuja área de inundação possui 3.246 km² com cerca de 3.300 ilhas. Entre setembro/2001 e fevereiro/2004 foram realizadas 20 excursões nas quais 134 tocas, paragens e latrinas comunitárias foram georeferenciadas. Tais tocas foram observadas mensalmente (entre setembro/01 e agosto/02) e bimestralmente (desde novembro/02) e identificadas como “em uso” ou “não em uso” durante a semana em que foram visitadas. Trinta tocas classificadas como “em uso” foram medidas, obtendo-se uma altura mínima de 16,00cm e máxima de 58,00 cm e um comprimento na base mínimo de 32,00 cm e máximo de 99,00 cm. Na área de estudo as ariranhas costumam construir tocas com várias formas de abertura, variando entre ovais, elípticas e arredondadas. Apesar de ser um lago de hidrelétrica, o reservatório também apresenta variação no nível das águas, e obedece, embora em menor escala, ao padrão normal do ciclo hidrológico da Amazônia Central, regido pelo sistema de chuvas e estiagem. O número de tocas “em uso” aparenta ter uma relação direta com o nível da água. Durante a cheia observaram-se a menor porcentagem de tocas em uso (12,5%) indicando que o alagamento dos barrancos induz os animais a permanecer nas mesmas tocas, enquanto que na seca registrou-se um número significativamente maior de tocas em uso (52%), pois há mais barrancos disponíveis no ambiente. Um animal solitário foi observado no fim da seca reativando uma toca que estava abandonada há três meses. Os dados sugerem certa preferência das ariranhas por algumas tocas, as quais somente são abandonadas quando o nível das águas sobe muito. Tão logo o nível abaixa, as mesmas tocas tendem a ser reocupadas. Essa preferência pode ocorrer em função de outros aspectos ainda não pesquisados, tais como tipo de substrato, localidade em relação ao leito do rio e tipo de vegetação na área de entorno da toca. Apoio: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM), ReBio Uatumã/IBAMA e Manaus Energia S.A.

Palavras chave: Amazônia, hidrelétrica, *Pteronura brasiliensis*, uso de tocas.